Não vou estranhar se esse artigo soar como “vista grossa”, (a popular “passada de pano”), até porque, quem se reconhece corajoso (a) o suficiente para viver a ciência criminal, sabe que popularidade não vai ser uma das bênçãos trazidas dos céus.

Acontece que alguém precisa apontar o farol e, embora não seja o único e muito menos meu lugar de fala, acredito que posso contribuir subindo nos ombros dos pensadores e pensadoras negras sobre o tema.

Carol Conká e outros artistas negros estão confinados na edição XXI do Big Brother Brasil, aquele *reality* onde várias pessoas estão confinadas numa casa, fazendo coisas normais e a gente que de normal não tem nada (até porque pagar pra eliminar um participante) decide quem é o mais normal ali.

Mas deixemos os “entretantos” e partamos para os “finalmentes”.

Num Brasil onde é fácil idolatrar o ator Rodrigo Hilbert a cada origami que ele faz, é mais fácil ainda cancelar um negro (a) a cada comportamento inaceitável destes (as).

E é aqui que precisamos revisitar a História. Aquela, dos livros na sétima série. Há uma narrativa oficializada de desconstrução e fragmentação do povo negro, que só entendemos (e olhe lá), quando acessamos outros recursos educacionais. Mas quem não se lembra que os livros escolares, ao falar sobre a escravidão, começam o texto com algo mais ou menos assim: “os negros que vieram da África…bla bla bla…miscigenação…bla bla bla…”.

Não percebíamos (e ouso a arriscar que muito professores também não), que numa simples frase, estavam encucando na cabeça de crianças e adolescentes que toda uma população negra, deliberadamente, subiu ao convés de um cruzeiro regada à agua de coco e Martini e pensou: “cansei de correr de guepardos, vou para o Brasil levar chibatadas e ser estuprada”.

Outro erro é considerar a África um país, simplesmente dizimando numa canetada milhares de crenças, manifestações culturais, etnias, dialetos e encerrando tudo na palavra “África”.

Mas qual a relação disso tudo com o confinamento do programa global? Você vai mesmo colocar arrogância, destempero, falsidade e outros vícios sociais no colo da escravidão? Aí já é demais!

Vou, e lide com isso.

Aliás, eu não. Os dados. E começo trazendo uma pesquisa da USP:

Racismo estrutural é negligenciado por psicólogos não-negros em atendimentos

Maiara Benedito, mestranda da USP, foi a campo para verificar como os profissionais não-negros da Psicologia lidavam com o racismo em pacientes negros (as), e o resultado choveu no molhado:

Um dos principais resultados de sua pesquisa foi entender os impactos da negligência do racismo na saúde mental de pacientes. Ela diz que existem muitos reflexos nas pessoas negras, como o de se sentirem insuficientes e culpados, vindos dessa não integração plena em uma sociedade que as violenta e as segrega. Explica que "tudo isso afirma que o racismo tem um peso na saúde mental das pessoas negras imensurável. Quando negligenciado, elas tomam as questões raciais de uma forma mais individualizada, que as fazem pensar que são o problema. Perceber que metade da população brasileira se sente assim também é um processo muito difícil de se alcançar sozinho".

A questão é muito mais profunda e remota do que o simplismo de achar que o comportamento da Carol Conká é pontual e deliberado. Sua (e dos outros participantes negros) ancestralidade e consequente desdobramento negativo deles, estão em suas ações e omissões. Imaginemos isso em 54% da população brasileira e teremos e dimensão real do problema. Negligenciar essa análise e olhar no raso.

Precisamos também compreender que a fragmentação ou a substituição da luta racial pela mera luta de classe, não foi vista apenas nas escolas, mas no cinema, como aponta Santiago Júnior (2012), ao analisar a crítica de Cláudio Souza ao filme dos anos 1960, Ganga Zumba, Rei dos Palmares, que narra a história de Ganga que fugira do engenho e chegara ao Quilombo dos Palmares.

O crítico apontou a ausência do racismo uma vez que não era a presença dos negros, na estória, o tema central, mas a liberdade. Ao mesmo tempo, afirmou que a história do Brasil não poderia ser racista com seus "capítulos africanos". A resistência à opressão e a luta do negro não eram temas em si, mas um reflexo da busca universal pela "liberdade de subsistir como homem". O negro, como raça, fora apagado nesse discurso, e a escravidão tornara-se um ato de privação do homem pelo homem, não do branco pelo negro.

O confinamento, embora não seja um retrato fiel à realidade, até por ser editado, nos dá uma noção do que a ancestralidade distorcida e violentada pode fazer com a mentalidade negra. Colocados isoladamente, podemos detectar suas diferenças e modo de reagir às situações. Mas a escravidão não foi um ato isolado, portanto, suas sequelas também não são.

Reforço: provoco no sentido de olharmos a situação de forma mais ampla, não como um salvo-conduto para atitudes que se valem desse ou daquele discurso, mas é inegável, pelos estudos levantados, que há claramente uma falsa simetria entre as atitudes de pessoas não-negras e a das negras, com relação a "comportamento inaceitável".

Os traumas da ancestralidade violentada, retirada de sua terra, segregada, roubada do seu chão, precisam ser considerados quando colocamos pessoas de diferentes raças, crenças, valores e estratos num determinado experimento social, como é o caso do *Big Brother Brasil.*

Como transtorno psíquico fruto da escravidão, temos o banzo, uma forma de depressão que dizimou milhares de vidas negras no período escravocrata, como cita Freyre (1933), em sua obra clássica Casa Grande & Senzala:

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioôs e das iaiás brancas. Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando- se com ervas e potagens dos mandingueiros. O banzo deu cabo de muitos. O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – entregando- se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. (FREYRE, 1933: 464).

Confinar pessoas negras, ainda que em situação totalmente diferente das vividas em seu passado, traz à tona suas memórias, o que em certa medida justifica atitudes vistas como disfuncionais socialmente.

Santos (2014) sedimenta que os traumas vividos pela pessoa negra acarretam na negação de suas origens, seus valores e pátria, nascendo um desejo de "ser branca", porque ela vê na branquitude, o distanciamento dessa dor.

Ao se analisar sob qualquer perspectiva (seja antropológica, jurídica ou psicológica) as ações e omissões da pequena amostragem negra em confinamento direcionado para

entretenimento, precisa se considerar a isonomia da ancestralidade desse povo. Quanto mais vulnerável o estrato e mais exposto ao conflito, mais ele (o estrato) usará dos recursos que o fizeram sobreviver ao longo da História para continuar existindo.

CONSIDERAÇÕES

Embora desnecessário, reitero: a ideia do presente artigo é considerarmos o experimento social de confinamento para entretenimento com uma visão do todo para as partes. Isoladamente, temos um determinado número de pessoas jogando para atrair atenção do público e ganharem um alto valor em dinheiro. No coletivo, temos recortes totalmente diferentes, onde os negros não estão agindo em nada de diferente do que os não-negros agem diariamente.

Primero precisamos lembrar que ninguém tem a obrigação de "militar certo" ou "errado". A pessoa é única em suas dores, alegrias e lutas, ela não é uma entidade. Por último, mesmo que a pessoa decida usar sua bandeira ideológica como peça de um jogo, ela não invalida qualquer luta exatamente por não ser o cetro da verdade dessa bandeira.

Carol Conká não pode ser analisada apenas como participante de um *reality show*, ela traz um repertório de violência explícita ou velada em sua vivência. Ela é sim, isoladamente, uma jogadora, mas sua bagagem emocional e intelectual é de raízes recentes coletivas e estratificadas onde a única maneira de sobreviver era enfrentando a vida com aspereza.

Não dá para comparar um comportamento disfuncional de uma pessoa negra com uma não negra, a não ser que essa última tenha sido coletivamente e por quatro séculos violada em toda sua existência. E nesse caso, é de ajuda terapêutica que estamos falando, não de uma senzala 2.0.

REFERÊNCIAS

NASSIF, T. 2019. Racismo estrutural é negligenciado por psicólogos não-negros em atendimentos. Disponível em: https://www.ip.usp.br/site/noticia/racismo-estrutural-e-negligenciado-por-psicologos-nao-negros-em-atendimentos/. Acesso em 17.fev.2021

SANTIAGO JUNIOR, F.C. F. Imagem, raça e humilhação no espelho negro da nação: cultura visual, política e “pensamento negro” brasileiro durante a ditadura militar. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 17 p., 2012.

SANTOS, M. R. Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra. [Tese}. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 117 p. 2014.

Crédito na Imagem: #ancestralidade, #escravidão